

# ANÁLISE DA TRAJETÓRIA RECENTE DO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO *GREENFIELD* DA COREIA DO SUL NO BRASIL

Marcelo Almeida de Britto<sup>1</sup>  
Guilherme Vampré Homsy<sup>2</sup>  
Edison Benedito da Silva Filho<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória dos fluxos de investimento estrangeiro direto *greenfield* da Coreia do Sul para o Brasil no período de 2003 a 2015, utilizando dados fornecidos pela plataforma FDI Markets consolidados com base nos anúncios de projetos de companhias. A análise dos dados revela que a trajetória de rápido crescimento dos investimentos sul-coreanos no país foi revertida a partir de 2011, refletindo a queda do ritmo de crescimento da economia brasileira e o agravamento das incertezas quanto à solidez dos fundamentos fiscais do país. Não obstante, o estudo também destaca o elevado potencial de complementaridade produtiva entre as duas economias, sinalizando a possibilidade de melhor aproveitamento das oportunidades de comércio e investimento por meio de uma maior aproximação bilateral.

**Palavras-chave:** investimento direto; integração econômica; multinacionais.

## ABSTRACT

This article analyzes the trajectory of FDI flows from South Korea to Brazil in the period 2003-2015, using data provided by the consolidated FDI Markets platform based on the announcements of company projects. Analysis of the data reveals that the rapid growth trajectory of South Korean investments in the country was reversed as of 2011, reflecting the slowdown in the growth of the Brazilian economy and the worsening of uncertainties regarding the solidity of the country's fiscal fundamentals. Nevertheless, the study also highlights the high potential for productive complementarity between the two economies, signaling the possibility of better utilization of trade and investment opportunities through closer bilateral relations.

Keywords: foreign direct investment; economic integration; multinationals.

JEL: F15; F21; F23.

## 1 INTRODUÇÃO

A República da Coreia do Sul é um país de aproximadamente 99 mil km<sup>2</sup>, com uma população de 50,2 milhões de habitantes e renda *per capita* média de cerca de US\$ 30 mil anuais. O território do país é 70% composto por montanhas; sua carência em recursos naturais e, principalmente, em terras agricultáveis fez com que, historicamente, o país sempre fosse um grande importador de alimentos, para além da atividade agrícola de subsistência que depende fortemente de subsídios governamentais para sobreviver.

Até meados dos anos 1960, a Coreia do Sul situava-se entre os países mais pobres do mundo, tendo sido devastada pela guerra com o vizinho comunista na década anterior e enfrentado um período de

---

1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

2. Técnico de planejamento e pesquisa na Dinte do Ipea.

3. Técnico de planejamento e pesquisa da Dinte do Ipea.

grave instabilidade política após o término do conflito. Contudo, a partir do final dessa década, o país deu um enorme salto em termos de crescimento econômico e progresso social, alcançando atualmente um patamar que já lhe permite figurar entre os países considerados desenvolvidos no mundo. A ascensão econômica do país coincidiu com a implantação de um amplo programa de reformas econômicas e políticas capitaneado pelo governo Park, que alcançou o poder após um golpe de Estado em 1961.

Embora inquestionavelmente exitoso, o modelo econômico coreano desenvolvido na segunda metade do século XX ainda suscita debate quanto aos determinantes de seu sucesso.<sup>4</sup> Alguns autores atribuem o chamado “milagre coreano” à eficiência do planejamento governamental, em especial a sua estratégia bem-sucedida de *pick up the winners* (Amsden, 1989; Wade, 1990).<sup>5</sup> Outros atribuem o crescimento coreano principalmente ao investimento maciço em capital humano e à sinergia existente entre empresas, famílias e governo, derivada da cultura de determinação e disciplina – característica das sociedades asiáticas influenciadas pela doutrina confucionista (Platteau, 1994; Zakaria, 1994; Douglass, Ho e Ooi, 2007). Em que pese essas divergências, há consenso quanto ao papel desempenhado pelas políticas de abertura comercial, incentivo à internacionalização das empresas nacionais e atração de capital estrangeiro para o incremento do investimento doméstico e a absorção de novas tecnologias, elementos essenciais para o sucesso econômico da Coreia do Sul (World Bank, 1993; Rodrik, 1994; Bhagwati, 2000; Canêdo-Pinheiro, 2013).

O propósito deste artigo é analisar a dinâmica recente dos fluxos de investimento estrangeiro direto (IED) *greenfield* da Coreia do Sul para o Brasil, com vistas a apontar oportunidades para incremento do comércio bilateral e da integração econômica. O texto se divide em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda seção faz uma breve revisão da teoria e da literatura aplicadas aos determinantes do investimento estrangeiro direto e seus efeitos sobre a economia receptora. A terceira analisa os fluxos de IED *greenfield* coreanos para a economia brasileira na última década, destacando seu montante e distribuição setorial, além de uma classificação desses fluxos de acordo com a intensidade tecnológica dos setores industriais beneficiados pelo IED coreano no Brasil, comparativamente aos projetos recebidos de outros países do mundo. A quarta seção aponta alguns desafios e oportunidades para a economia brasileira no sentido de incrementar e potencializar os ganhos do comércio com a Coreia do Sul. A quinta seção conclui o trabalho, sugerindo a necessidade de maior ênfase da política comercial brasileira para a superação dos entraves e aproveitamento das oportunidades econômicas geradas pelos investimentos sul-coreanos.

4. Krugman (1994) se notabilizou por ter levantado objeções à continuidade da bem-sucedida trajetória de expansão econômica da Coreia do Sul e de outros países asiáticos que imitavam seu modelo, o que lhe auferiu o mérito de ter sido o primeiro economista a antecipar a crise asiática que seria deflagrada em 1997-1998. Para o autor, o sucesso coreano nada mais seria do que o resultado da rápida acumulação de capital nas décadas anteriores; as políticas governamentais de incentivo a setores industriais específicos teriam desempenhado efeito pouco relevante sobre o desempenho econômico. Ainda, o baixo ritmo de disseminação do progresso técnico do setor exportador para outros ramos da economia coreana implicava que esse modelo estaria fadado ao esgotamento no médio prazo. Contudo, em trabalhos posteriores, Krugman admitiu que algumas indústrias coreanas poderiam ser consideradas exemplos bem-sucedidos de política industrial. Em especial aquelas que desenvolveram vantagens comparativas a partir do adensamento e da modernização da infraestrutura dos núcleos urbanos do país e da integração por meio da abertura comercial em cadeias de valor para nichos tecnológicos específicos, notadamente capitaneados por empresas japonesas (Fujita, Krugman e Venables, 2001; Krugman, Obstfeld e Melitz, 2011). Posteriormente, as empresas coreanas lograram alcançar padrões de tecnologia e produtividade suficientes para liderarem elas próprias cadeias de valor em segmentos industriais relevantes, como eletroeletrônicos, automóveis e construção naval, ocupando progressivamente o espaço antes dominado pelas firmas japonesas e europeias.

5. Esta estratégia também é comumente apontada como fonte de inspiração para as políticas recentes de desenvolvimento adotadas no Brasil a partir do segundo mandato do presidente Lula. Ver Almeida (2009; 2013), Ismael *et al.* (2011) e Lazzarini (2012).

## 2 DETERMINANTES DO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO E DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO PRODUTIVA

Segundo a classificação proposta originalmente por Dunning (1993), os principais fatores que determinam o investimento das empresas em novas plantas no exterior podem ser assim resumidos em: *i*) busca de novos mercados para seus produtos finais (*market-seeking strategy*); *ii*) busca de insumos (recursos naturais e humanos) mais baratos que nos seus mercados de origem (*resource-seeking strategy*); *iii*) integração horizontal e vertical para redução de custos e consolidação de sua participação nos mercados internacionais (*efficiency-seeking strategy*); e *iv*) criação e aquisição de ativos estratégicos por meio de cadeias de valor que permitam à firma sustentar e elevar sua competitividade em nível global (*strategic-assets seeking*).

De início, o investimento estrangeiro direto (IED) nas economias em desenvolvimento se concentrava em setores intensivos em recursos naturais ou mão de obra pouco especializada para fins de exportação. Essa estratégia de investimento baseada no controle e aproveitamento de insumos básicos de produção (*resource-seeking*) ainda permeia grande parte dos fluxos globais de IED, sobretudo para países ricos em recursos primários ou que dispõem de grande excedente de trabalhadores com baixos salários em seus centros urbanos (Dunning e Narula, 1996).

Contudo, a dimensão econômica de países como o Brasil, China, Índia e México também explica o movimento crescente de empresas estrangeiras que neles se instalam com o objetivo de fornecer bens e serviços finais aos consumidores locais (*market-seeking*). Concentrado principalmente nos setores de bem de consumo duráveis e serviços, esse fluxo de IED é primariamente orientado pela necessidade de contornar barreiras comerciais impostas pelo país receptor e, secundariamente, também visa ampliar o acesso a outros mercados com os quais este país mantém condições privilegiadas de comércio (Silva Filho, 2015).

Em que pese a relevância para os países emergentes dos fluxos de IED voltados ao aproveitamento da mão de obra local e de recursos naturais, além do suprimento de bens de consumo e serviços, é crescente o interesse das grandes multinacionais pela exploração de outras vantagens competitivas desses mercados. O elevado ritmo de crescimento das economias emergentes nas últimas décadas, aliado à progressiva melhoria das condições sociais, de infraestrutura e de governança política, criou as condições para novas oportunidades de investimento visando ganhos de produtividade (*efficiency-seeking*), notadamente em setores manufatureiros intensivos em tecnologias de miniaturização e de informação (Dunning e Narula, 1996).

Nesse sentido, a expansão das firmas para novos mercados deve estar fundamentada numa estratégia de longo prazo que contemple não apenas benefícios evidentes de curto prazo – tais como o diferencial de custo dos insumos ou o dinamismo do mercado consumidor –, mas também elementos como a infraestrutura, a estabilidade política, o desempenho do marco regulatório e o grau de integração produtiva e comercial do país receptor.

### 3 INVESTIMENTOS COREANOS CORRENTES NO BRASIL DE 2003 ATÉ 2014, SEGUNDO A BASE DE DADOS FDI MARKETS

Um olhar geral sobre o perfil dos investimentos da República da Coreia no Brasil – com a utilização da base de dados FDI Markets<sup>6</sup> – do período de fevereiro de 2003 até junho de 2014 revela 51 projetos, totalizando um montante de quase US\$ 10 bilhões em investimentos e aproximadamente 31,5 mil empregos diretos gerados. Esta seção analisará em maior detalhe os projetos sul-coreanos de IED *greenfield* na economia brasileira, utilizando, nas tabelas a seguir, a classificação proposta pela base FDI Markets (*atividade industrial, setor industrial, cluster e subsetor industrial*).

Os investimentos classificados como *produção industrial* representam quase 85% do montante de recurso investido pela República da Coreia no Brasil no período de 2003 até junho de 2014. Esse segmento foi responsável também por mais de 96% dos empregos gerados pelas empresas coreanas na economia brasileira, conforme pode ser aferido na tabela 1. Outro subsetor com aporte significativo de inversões é o de *comércio*, com um montante de recursos investidos que perfaz cerca de 11% do total investido pela Coreia do Sul no Brasil nesse período.

TABELA 1

#### Distribuição dos investimentos diretos *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil por atividade industrial<sup>1</sup> (2003-2014)

Tipo	Número de projetos	Capital investido (US\$ milhões)	Empregos gerados
Produção industrial	37	8.476,6	30.355
Comércio	4	1.087,4	203
Extração	1	316,0	214
Pesquisa e desenvolvimento	2	81,0	620
Vendas, <i>marketing</i> e suporte ao produto	4	12,5	73
Formação e capacitação	1	12,1	61
<i>Design</i> e desenvolvimento	1	9,3	57
Suporte técnico	1	0,7	14
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>9.995,6</b>	<b>31.597</b>

Fonte: FDI Markets ([s.d.]).

Nota: <sup>1</sup> Esta classificação segue o padrão adotado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conforme a metodologia da base de dados FDI Markets.

6. A análise contida nesta seção se refere a projetos de investimentos coreanos no período de 2003 até meados de 2014, a partir dos dados de anúncios de investimentos compilados pelo *Financial Times* (FDI Markets). Algumas informações são fornecidas diretamente pelos investidores, outras são estimadas com base em projetos semelhantes no mundo. O chamado IED *greenfield* consiste no montante de investimento recebido pelo país cuja destinação é exclusivamente a criação ou expansão de capacidade produtiva das companhias estrangeiras no território nacional. Essa rubrica não inclui, portanto, fluxos de capital destinados ao investimento em ativos diversos (portfólio), fusões e aquisições (*brownfield*) ou incremento de caixa das empresas. Embora o fluxo de IED total seja a variável mais relevante, do ponto de vista das contas externas, a principal vantagem em analisar o volume de investimento *greenfield* é a possibilidade de alcançar uma visão mais realista dos efeitos do IED sobre a economia nacional, uma vez que são os investimentos em estoque de capital que produzem impactos significativos sobre as variáveis reais, como emprego e produção. Contudo, como se tratam de anúncios de projetos, esses valores podem ser interpretados como fluxos efetivos de capital no tempo.

Um exame mais detalhado do projeto de investimento arrolado como atividade industrial de *extração* (tabela 1), correspondente ao setor industrial *energia* (tabela 2), revela que a empresa SK Innovation (SK Energy) começou, em 2007, a investir na exploração petrolífera no bloco BMC-08. O montante de capital investido no projeto até o momento é de US\$ 316 milhões, mas já ostenta uma razão expressiva de geração de empregos por Capex.

TABELA 2

**Distribuição dos investimentos diretos *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil por setor industrial<sup>1</sup> (2003-2014)**

Tipo	Número de projetos	Capital investido (US\$ milhões)	Empregos gerados
Indústria	3	4.035,6	4.093
Equipamentos de transporte	11	1.940,9	7.346
Serviços financeiros	4	1.087,4	203
Bens de consumo	8	965,6	8.668
Produtos eletrônicos e de TI	15	639,1	5.451
Produtos de madeira	2	550,0	4.122
Energia	1	316,0	214
Construção civil	2	210,0	696
Alimento e tabaco	4	176,0	716
Ciências da natureza	1	75,0	88
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>9.995,6</b>	<b>31.597</b>

Fonte: FDI Markets ([s.d.]).

Nota: <sup>1</sup> Esta classificação segue o padrão adotado pela metodologia da base FDI Markets.

Com relação à classificação de *clusters*, dos 51 projetos de investimento da Coreia do Sul no Brasil listados na base FDI Markets, a maior carteira é a de *produtos eletrônicos e de TI* – com quinze projetos; seguida pelo subgrupo de *equipamentos de transporte* – com onze projetos; e *bens de consumo* – com oito projetos. Em seguida, estão os subgrupos de *serviços financeiros e alimentos e tabaco* – com quatro projetos cada um; e o de *indústria* – com três. Este último é o subsetor responsável pelo maior aporte de recursos, tendo investido cerca de 40,37% de tudo. Sob o ponto de vista dos empregos gerados, o subgrupo de *bens de consumo* se destaca, sendo responsável por cerca de 27,43% do total gerado pelo investimento coreano no Brasil no período (tabela 2).

As classificações por setor e subsetor industrial são mais detalhadas que as duas anteriores (tabelas 3 e 4). No primeiro, o maior subgrupo é o de *bens de consumo eletrônicos* – com oito projetos; seguido por *automotivo (OEM)* – com seis projetos; *comunicações e componentes eletrônicos* – com cinco projetos cada um; *serviços financeiros e maquinário e ferramentas industriais* – com quatro projetos cada um; e *química* – com três projetos. O subgrupo que mais gerou empregos foi o de *bens de consumo eletrônicos*, respondendo por aproximadamente 27,43% do total de empregos gerados pelos investimentos coreanos no período.

TABELA 3

**Distribuição dos investimentos diretos *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil de acordo com clusters setoriais<sup>1</sup> (2003-2014)**

Tipo	Número de projetos	Capital investido (US\$ milhões)	Empregos gerados
Metalurgia e siderurgia	1	4.000,0	4.000
Automotivo (OEM)	6	1.741,2	5.654
Serviços financeiros	4	1.087,4	203
Bens de consumo eletrônicos	8	965,6	8.668
Têxtil	1	450,0	3.000
Componentes eletrônicos	6	418,6	3.137
Carvão, petróleo e gás natural	1	316,0	214
Maquinário e ferramentas industriais	4	282,2	1.032
Comunicações	5	166,6	1.729
Transportes não automotivos (OEM)	2	144,1	1.553
Química	3	140,6	173
Plásticos	1	100,0	1.122
Alimentos e tabaco	2	73,8	388
Autopeças	2	52,4	130
Semicondutores	1	32,0	52
Computadores e periféricos	1	20,2	399
Borracha	1	3,2	9
Software e serviços TI	2	1,7	134
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>9.995,6</b>	<b>31.597</b>

Fonte: FDI Markets ([s.d.]).

Nota: <sup>1</sup> Esta classificação segue o padrão adotado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conforme a metodologia da base de dados FDI Markets.

Sob o ponto de vista do total investido, o subsetor que correspondeu ao maior dispêndio foi o de *metalurgia e siderurgia* – com aproximadamente 40% do total investido –, seguido do *automotivo (OEM)*, com aproximadamente 17,42% do montante investido pelos sul-coreanos no período entre 2003 e meados de 2014.

Na classificação por subsetor, o maior subgrupo é o de *equipamentos e componentes elétricos (outros)* – com seis projetos; *automóveis e equipamentos de comunicação* – com cinco projetos cada um; *equipamentos de áudio e vídeo, eletrodomésticos e maquinário agrícola, de construção civil e de mineração* – com três projetos cada um; e *outros bens de consumo eletrônicos, bancos de varejo, bancos corporativos e de investimento e navios e barcos* – com dois projetos cada. Apenas um projeto é o maior responsável pelo destaque que o subgrupo *ferro, aço e ligas de ferro* possui na tabela 4. Esse único projeto aportou o maior montante de recursos, correspondendo a cerca de 40% do total investido pelas empresas coreanas no Brasil no período. Como o mesmo projeto já havia se destacado pelo mesmo motivo ao ser examinada a tabela 3, o exame em pormenor do projeto revelou ser o investidor a empresa Dongkuk Steel Mill, que montou uma empresa siderúrgica no Ceará, em *joint venture* com a Vale do Rio Doce, denominada Companhia Siderúrgica do Pecém, na cidade de São Gonçalo do Amarante. Essas informações foram registradas na base FDI Markets em 2005.

Pela tabela 4, o segundo subgrupo em importância sob o ponto de vista do montante de capital investido é o de *automóveis*, com US\$ 1.724,2 milhões investidos, perfazendo aproximadamente 17,25% do montante investido pelas empresas coreanas no Brasil.

Sob o ponto de vista da criação de empregos, o subgrupo que se destaca é o de *eletrodomésticos*, sendo responsável por cerca de 20,74% dos empregos gerados pelos investimentos das empresas coreanas no Brasil (FDI Markets, [s.d.]). Sob o ponto de vista da criação de empregos, o segundo subgrupo da tabela 4 a se destacar é o de *demais equipamentos e componentes elétricos*, responsável por aproximadamente 17,76% de todos os empregos criados. Por sua vez, o subgrupo *ferro, aço e ligas de ferro*, apesar de responder pelo maior aporte de capital no período dentre os subgrupos, sob o ponto de vista da criação de empregos, ocupou apenas o terceiro lugar, correspondendo a aproximadamente a 12,66% de todo emprego gerado no Brasil pelo IED coreano.

TABELA 4

**Distribuição dos investimentos diretos *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil de acordo com subsetores industriais<sup>1</sup> (2003-2014)**

Tipo	Número de projetos	Capital investido (US\$ milhões)	Empregos gerados
Têxteis e indústrias têxteis	1	450,0	3.000
Equipamentos de computadores e periféricos	1	20,2	399
Equipamentos de áudio e vídeo	3	214,9	1.497
Outros bens de consumo eletrônicos	2	41,3	617
Equipamentos de comunicação	5	166,6	1.729
Equipamentos elétricos e componentes (Outros)	6	418,6	3.137
Automóveis	5	1.724,2	5.612
Caminhões de alta carga	1	17,0	42
Bancos de varejo	2	721,4	102
Eletrodomésticos	3	709,4	6.554
Serviços personalizados de programação de computadores	1	0,7	14
Tabaco	1	9,3	57
Pesticidas, fertilizantes e outros produtos químicos agrícolas	1	60,0	71
Ferro, aço e ligas de ferro	1	4.000,0	4.000
Produtos químicos básicos	1	75,0	88
Serviços de <i>design</i> de sistemas de informática	1	1,0	120
Grãos e plantas oleaginosas	1	64,5	331
Petróleo e carvão (outros produtos)	1	316,0	214
Tintas, coberturas, aditivos e adesivos	1	5,6	14
Semicondutores e outros componentes eletrônicos	1	32,0	52
Bancos corporativos e de investimento	2	366,0	101
Pneus	1	3,2	9
Veículos automotores – assentos e acabamento interior	1	2,4	30
Tecidos artificiais e sintéticos	1	100,0	1.122
Navios e barcos	2	144,1	1.553
Maquinário agrícola, de construção civil e de mineração	3	252,2	953
Maquinário de propósitos gerais	1	30,0	79
Sistemas de frenagem para veículos a motor	1	50,0	100
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>9.995,6</b>	<b>31.597</b>

Fonte: FDI Markets ([s.d.]).

Nota: <sup>1</sup> Esta classificação segue o padrão adotado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conforme a metodologia da base de dados FDI Markets.

### 3.1. Intensidade tecnológica dos investimentos coreanos no Brasil

Em termos comparativos, o padrão de investimentos diretos *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil apresenta um nível de intensidade tecnológica ligeiramente superior, posto que se encontra mais concentrado em setores de média tecnologia que a média dos investimentos externos na economia brasileira. As tabelas 5 e 6 a seguir apresentam a distribuição dos projetos de IED *greenfield* coreanos e do restante do mundo no Brasil em termos de intensidade tecnológica setorial.

TABELA 5

#### Distribuição setorial do IED *greenfield* da Coreia do Sul no Brasil, classificado em termos de intensidade tecnológica (2006-2017)

(Em %)

Setores <sup>1</sup>	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Média
Média tecnologia	61,8	87,0	66,0	6,2	72,1	72,5	100	100	93,3	29,7	n.d.	100	70,6
Serviços	0,6	0,0	30,5	0,0	17,6	0,7	0,0	0,0	0,6	70,3	n.d.	0,0	17,7
Alta tecnologia	37,6	0,0	3,5	93,8	10,3	26,8	0,0	0,0	6,1	0,0	n.d.	0,0	10,8
Recursos naturais	0,0	13,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	n.d.	0,0	1,0
Baixa tecnologia	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	n.d.	0,0	0,0

Fonte: FDI Markets (I.s.d.).

Nota: <sup>1</sup> A classificação de setores por intensidade tecnológica segue a metodologia apresentada em Baumann *et al.* (2013, p. 630).

TABELA 6

#### Distribuição setorial do IED *greenfield* do mundo (exceto Coreia do Sul) no Brasil, classificado em termos de intensidade tecnológica (2006-2017)

(Em %)

Setores <sup>1</sup>	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Média
Média tecnologia	58,7	64,3	60,2	52,9	61,5	57,0	45,6	40,4	41,7	58,9	42,6	25,2	53,1
Alta tecnologia	13,1	7,8	5,1	25,7	15,2	25,0	21,8	33,0	28,2	13,1	32,1	40,1	20,6
Serviços	13,4	20,5	22,8	12,4	12,1	8,9	25,8	17,1	21,4	17,0	15,7	24,1	16,4
Recursos naturais	4,9	5,2	6,8	8,8	6,1	6,9	3,9	4,7	6,1	6,8	8,0	6,2	6,3
Baixa tecnologia	9,9	2,1	5,1	0,3	5,2	2,2	2,8	4,7	2,6	4,3	1,7	4,5	3,5

Fonte: FDI Markets (I.s.d.).

Nota: <sup>1</sup> A classificação de setores por intensidade tecnológica segue a metodologia apresentada em BAUMANN *et al.* (2013, p. 630).

Além da maior concentração em setores de média tecnologia, os investimentos coreanos no Brasil também diferem do padrão global na medida em que praticamente não visam o setor primário (recursos naturais), no qual o país apresenta claras vantagens competitivas. Esse padrão distinto da inserção coreana na economia brasileira sugere que o comércio entre os países tem convergido nas trocas de produtos finais para uma maior integração entre as cadeias industriais de ambos, ainda



que o Brasil tenha permanecido ao largo de grande parte da dinâmica recente de adensamento das cadeias globais de valor em virtude do baixo grau de abertura de sua economia.

#### **4 OPORTUNIDADES DE APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS BILATERAIS**

Tomando ao pé da letra a teoria ricardiana das vantagens comparativas, Brasil e Coreia do Sul deveriam ser economias com elevado grau de complementaridade e sinergia. Mas não é isso o que se tem observado na prática. A Coreia do Sul protege sua ineficiente agricultura, em grande medida por influência de concepções confucionistas herdadas do passado, que, dentre outras crenças, vaticina que o consumo de arroz da própria terra seria fundamental para preservar a saúde espiritual das pessoas. Embora o ritmo acelerado de desenvolvimento das últimas décadas tenha provocado profundas mudanças de hábitos nos coreanos, esta e outras tradições ancestrais permanecem influenciando as decisões econômicas e comerciais do país.

Brasil e Coreia do Sul apresentam um potencial elevado de interação econômica, baseado nas diferentes vantagens competitivas e padrões de inserção internacional de cada um. Contudo, é preciso avançar nas relações bilaterais para superar entraves nos fluxos de comércio com elevado potencial de crescimento, a exemplo do agronegócio e das manufaturas coreanas.

Um exemplo de dificuldade no comércio Brasil-Coreia são as barreiras fitossanitárias que o país asiático impõe aos produtos brasileiros, muitas das quais emuladas do vizinho Japão. A restrição à carne bovina do Brasil, por exemplo, é justificada pela não erradicação da febre aftosa em todo o território nacional,<sup>7</sup> embora as poucas regiões potencialmente expostas à doença não correspondam àquelas onde atuam as empresas mais modernas e que habitualmente realizam exportações para a Ásia. De resto, é preciso notar que as dificuldades de erradicação dessa doença bovina no Brasil estão em grande medida ligadas às dimensões do país, sobretudo de sua imensa fronteira com países vizinhos (Apex-Brasil, 2011, p. 7).

Por outro lado, essas dificuldades comerciais entre Brasil e Coreia poderiam ser mais que compensadas pelo elevado grau de complementariedade existente entre as duas economias. Há um vasto campo ainda inexplorado de oportunidades de investimento no Brasil nos ramos de agricultura,<sup>8</sup> bioenergia, fontes de energia alternativas, infraestrutura, indústria extrativa (sobretudo no pré-sal), com destaque para o setor primário, em que o país já constitui uma potência consolidada no mercado mundial. Caso houvesse empresas coreanas investindo em frigoríficos, por exemplo, seria bem mais difícil para o governo sul-coreano manter boa parte das suas barreiras fitossanitárias, uma vez que já são reconhecidamente desnecessárias.

7. "As maiores barreiras sul-coreanas a produtos brasileiros são encontradas no mercado de carnes. O governo sul-coreano é exigente quanto à ameaça de surtos de febre aftosa e de outras enfermidades animais conhecidas, e as restrições podem recrudescer em um futuro próximo, tendo em vista a grande epidemia de aftosa ocorrida no início de 2011. Ainda não é permitido comprar carne suína brasileira, embora as agências sul-coreanas tenham sinalizado que seu mercado nacional será aberto para as empresas brasileiras certificadas em meados de 2011" (Apex-Brasil, 2011, p. 25).

8. "As principais oportunidades para as empresas brasileiras estão concentradas no complexo de alimentos, já que a Coreia do Sul importa mais de 70% das suas necessidades alimentícias. Os principais produtos brasileiros oferecidos são soja, carne de frango, café e açúcar. A carne de frango está bem posicionada no mercado sul-coreano, com o Brasil entre os principais fornecedores. Além desses produtos, existem oportunidades também para chocolate e suas preparações, leite e derivados, massas alimentícias e suas preparações, suco de laranja congelado e não congelado, óleo de soja bruto e sementes oleaginosas" (Apex-Brasil, 2011, p. 6).

Além das barreiras sanitárias, as tarifas de importação permanecem elevadas para produtos agrícolas. De acordo com relatório da Apex-Brasil (2011, p. 27-29),

As maiores taxas *ad valorem* permanecem inalteradas e aplicam-se à agricultura. (...) A Coreia do Sul mantém tarifas especialmente elevadas em um número de produtos agrícolas e de pesca de maior valor. O país impõe tarifas de 30% ou mais na maioria das frutas e castanhas, muitos legumes frescos, amidos, amendoim, manteiga de amendoim, óleos vegetais diversos, sucos, doces, cerveja e alguns produtos lácteos. (...) Em agosto de 2007, a Coreia do Sul estabeleceu o SIREN, um sistema de alerta precoce para bloquear as importações desvalorizadas de produtos agrícolas, plantas e bens de pesca. (...) Alguns países acreditam que a prática acima é arbitrária, desprovida de transparência, constituindo um encargo excessivo para os exportadores, já que as autoridades aduaneiras sul-coreanas determinam o preço justo das importações específicas exclusivamente com base em informações oficiais sul-coreanas sobre os preços e sem investigação dos custos de produção relevantes em países exportadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados dos investimentos sul-coreanos no Brasil no período de 2003 até meados de 2014, utilizando-se da base de anúncios de investimento compilada pelo *Financial Times*, revelou uma concentração significativa em segmentos industriais tecnologicamente mais avançados. Alguns investimentos foram procedidos em setores de ponta, inclusive em áreas ligadas às tecnologias da informação – que, aliás, se tornou uma prioridade coreana, uma vez que sua mão de obra estava irremediavelmente cara para competir em setores industriais que hoje estão na China continental. Já a mão de obra brasileira não parece ter o nível de capacitação necessário para sustentar iniciativa similar à coreana para o desenvolvimento desses setores no país.

O foco dos investimentos coreanos parece voltado, sobretudo, às oportunidades geradas pelo vasto mercado brasileiro para consumo de bens industrializados, sendo ainda incipiente a integração de firmas brasileiras às cadeias de valor capitaneadas pelas empresas coreanas. Contudo, é digno de nota que a exposição das empresas coreanas aos riscos do Brasil, que já exibia sinais claros de desaceleração desde 2013, também parece revelar uma visão bem mais otimista sobre o futuro da economia brasileira.

Não se pode deixar de refletir que talvez isso se deva ao desejo dos gigantescos conglomerados coreanos – apelidados de *Chaebols* – em preservar um importante *market share* dentro do mercado industrial brasileiro, relativamente fechado à competição internacional. De todo modo, o potencial das oportunidades de negócios entre os dois países parece bastante promissor e deve ser objeto de atenção dos formuladores de políticas comerciais e industriais no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Desafios da real política industrial brasileira do século XXI**. Brasília: Ipea, 2009. (Texto para Discussão, n. 1.452).

\_\_\_\_\_. Padrões de política industrial: a velha, a nova e a brasileira. In: BACHA, E.; BOLLE, M. B. (Org.). **O futuro da indústria no Brasil: desindustrialização em debate**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 273-294.

AMSDEN, A. **Asia's Next Giant: South Korea and Late Industrialization**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

APEX-BRASIL – AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS. **Coreia do Sul**: perfil e oportunidades comerciais. Brasília: Apex-Brasil, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/L2UkT1>>.

BAUMANN, R. C. *et al.* A relação dos estados brasileiros com o setor externo. **Brasil em Desenvolvimento 2013**: Estado, Planejamento e Políticas Públicas, Brasília, v. 2, p. 597-630, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/bq2SKJ>>.

BHAGWATI, J. N. **East Asia**: miracle or debacle? Lessons learnt and future prospects. Singapore: Institute for Policy Studies and Economic Society of Singapore Public Lecture, 19 May 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/CJ5YNY>>.

CANÊDO-PINHEIRO, M. Experiências comparadas de política industrial no pós-guerra: lições para o Brasil. *In*: VELOSO, F. *et al.* (Eds.). **Desenvolvimento econômico**: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2013.

DOUGLASS, M.; HO, K. C.; OOI, G. L. **Globalization, the City and Civil Society in Pacific Asia**: The Social Production of Civic Spaces. Rethinking Globalizations Series. New York: Routledge, 2007. 312 p.

DUNNING, J. H. **Multinational enterprises and the global economy**. Reading, Wokingham: Addison Wesley Publishing Company, 1993, 687 p.

DUNNING, J. H.; NARULA, R. **Foreign direct investment and governments**: catalysts for economic restructuring. London; New York: Routledge, 1996. 455 p.

FDI MARKETS. **Crossborder Investment Monitor**. London: Financial Times, [s. d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/nfjxmE>>.

FUJITA, M.; KRUGMAN, P.; VENABLES, A. **The Spatial Economy**: Cities, Regions and International Trade. Cambridge: The MIT Press, 2001. 384 p.

ISMAEL, R. *et al.* Entrevista com Luciano Coutinho. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p. 406-419, jul./dez. 2011.

KRUGMAN, P. The Myth of the Asian Miracle. **Foreign Affairs**, p. 62-78, Nov./Dec. 1994.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. **International Economics**: Theory and Policy. 9. ed. Reading: Addison-Wesley, 2011. 736 p.

LAZZARINI, S. G. O Brasil poderia virar uma Coreia do Sul? **Época Negócios**, Rio de Janeiro, 8 ago. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/UhuzAn>>.

PLATTEAU, J. P. Behind the Market Stage Where Real Societies Exist - Part I: The Role of Public and Private Order Institutions. **Journal of Development Studies**, v. 30, n. 3, p. 533-577, 1994.

RODRIK, D. **Getting Interventions Right**: How South Korea and Taiwan Grew Rich. Cambridge: NBER, Dec. 1994. (Working Paper n. 4964).

SILVA FILHO, E. B. Trajetória recente do investimento estrangeiro direto e em carteira no Brasil. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, n. 19, p. 5-20, jan./abr. 2015.

WADE, R. **Governing the Market**: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization. New Jersey: Princeton University Press, 1990, 438 p.

WORLD BANK. **The East Asian Miracle**. New York: Oxford University Press, 1993.

ZAKARIA, F. Culture is Destiny – a conversation with Lee Kuan Yew. **Foreign Affairs**, mar./abr. 1994.

